Dia 13 — Santo Hilário, Bispo e Confessor

Santo Hilário, um dos maiores ornamentos da ordem episcopal, um dos mais brilhantes astros da Igreja galicana, a quem São Jerônimo e Santo Agostinho chamam o gloriosíssimo defensor da fé e o insigne doutor da Igreja, este homem verdadeiramente grande nasceu em Poitiers por volta do fim do século III ou princípio do IV. Sua casa era das mais distintas de toda aquela província, embora tivesse a desgraça de estar envolta nas trevas do paganismo, no qual foi também criado Hilário. Sua educação, apesar de ter sido pagã, foi correspondente à de um menino de distinção. Aplicaram-no cedo ao estudo das ciências profanas; e o menino Hilário fez tão rápidos progressos, tanto nas belas-letras como na filosofia, que desde logo todos se persuadiram de que havia de ser com o tempo um dos sábios mais eminentes de seu século. Com efeito o foi; mas não deveu a eminência de sua sabedoria às ciências profanas.

Tinha Hilário um juízo demasiadamente sólido e uma compreensão demasiadamente perspicaz e penetrante para viver pago e satisfeito com as superstições e ridicularias do paganismo. Bastar-lhe-ia sua só razão natural com as luzes da filosofia para conhecer os grosseiros erros e os enormes absurdos da idolatria; mas, embora o entendimento possa descobrir tudo isso com a luz da razão, com tudo isso a conversão do coração é sempre obra da graça. Começou esta insensivelmente a iluminar-lhe o espírito e a correr o véu sobre o ridículo e a impiedade de todas aquelas divindades quiméricas que entretinham e enganavam miseravelmente o povo. Ao resplendor dessa divina luz conheceu logo Hilário que havia um Ser supremo, soberano e eterno, princípio e fim de todos os entes criados, que unicamente podia fazer a suma felicidade e bem-aventurança do homem. Achava-se todo embebido nessas reflexões quando, por especial disposição da divina Providência, vieram-lhe às mãos os livros de Moisés e dos profetas. Leu-os com ânsia e com gosto; mas a leitura do Evangelho acabou de descobrir-lhe a verdade e a santidade de nossa religião; e o Pai das misericórdias, que queria fazer de Hilário outro vaso de eleição, inspirou-lhe o desejo eficaz de abraçá-la e de segui-la.

Iluminado com essas vivas luzes, renunciou sem dificuldade o paganismo, mais filosófico que gentílico, que havia professado, porque nunca foi capaz de incorrer nos absurdos dos pagãos; e desde que teve o uso da razão conheceu que não se achava a verdade no partido da idolatria. Recebeu o batismo com um gozo inexplicável, como ele mesmo o assegura; e foi tão abundante a graça dessa regeneração que desde o princípio se sentiu tão cheio do espírito de Deus como os cristãos mais perfeitos. Desde logo olhou com tédio e horror tudo o que havia aprendido nos livros dos pagãos: não achava gosto senão no estudo dos sagrados; qualquer outra leitura lhe parecia insípida e fastidiosa. Como o Senhor o destinava para que fosse uma das maiores lumeiras da Igreja, deu-lhe uma inteligência tão clara da Sagrada Escritura e das verdades mais sublimes da religião que, mal recebeu as águas do batismo, começou a portar-se não já como neófito, mas

como mestre consumado na fé e como pai da Igreja de Jesus Cristo. Era ainda secular e parecia possuir antecipadamente a graça do sacerdócio, como se explica Fortunato.

À especulação da teologia dogmática acrescentou a prática da moral cristã. Sua devoção era a mais terna, seu porte o mais exemplar. Estava casado com uma dama de singular mérito que, seguindo em tudo as piedosas inclinações de seu virtuoso marido, servia de exemplo e de modelo a todas as de seu sexo e de seu estado. Tinham por fruto desse matrimônio uma filha chamada Abra, a qual soube aproveitar-se tão bem dos exemplos domésticos que tinha sempre diante dos olhos e da cristã educação de seus pais que mereceu ser honrada como santa, e como tal celebra sua festa a igreja de Poitiers.

Crescendo cada dia mais a virtude de nosso santo, combinou com sua mulher viver daí em diante como se fossem irmãos. Não se falava de outra coisa em toda a província que da pureza de seus costumes, admirando todos a modéstia, o zelo e a caridade de Hilário. Por fim, seu raro mérito e sua extraordinária piedade granjearam-lhe tanta estima, não só do povo, mas também do clero, que, tendo morrido o bispo de Poitiers, todos os fiéis daquela igreja puseram os olhos nele; e, sem dar ouvidos nem à sua repugnância nem à sua humildade, escolheram-no por consentimento universal para seu pastor e mestre. Separado de sua mulher com recíproco consentimento, viu-se obrigado a consentir em sua eleição e foi consagrado bispo.

Não ignorava Hilário os formidáveis encargos do estado episcopal; mas, cheio de confiança naquele Senhor que lhos havia posto às costas, esperando de sua piedade todas as luzes e forças necessárias para cumprir fielmente seu ministério, aplicou-se a conservar o sagrado depósito da fé que lhe havia sido confiado e a defender sua pureza contra a corrupção das heresias. Havia penetrado o arianismo até as Gálias depois de ter desolado toda a Igreja do Oriente. Enganado o imperador Constâncio, filho do grande Constantino, pelos artifícios de sua mulher, princesa ariana, declarou-se protetor do arianismo com tanto empenho que, para defendê-lo, perseguiu cruelmente a Igreja, desterrou os prelados mais zelosos e exemplares e, enfim, foi açoite dos católicos. Inflamado Santo Hilário num zelo ardente e generoso pela fé de Jesus Cristo, não contente em manter suas ovelhas, apascentando-as com o salutar pasto da divina palavra por meio de seus contínuos sermões, não cessava de declarar-se contra o erro e já era tido por um dos inimigos mais formidáveis do arianismo. A maior parte dos prelados das Gálias celebrou sua generosidade e declarou-se a seu favor, olhando-o não só como irmão, mas como caudilho do partido católico; e, unidos com ele, agiram de comum acordo em defesa da fé e em prevenir antídotos aos povos contra o veneno da heresia. Mas perturbou essa santa liga dos pastores Saturnino, bispo de Arles, grande fautor do arianismo, homem de engenho travesso e de costumes estragados. Orgulhoso com o favor que lhe fazia o imperador ariano, começou a exercer uma espécie de tirania com os demais bispos, seus irmãos. Valeu-se de ameaças e de violências para atraí-los a seu partido e armou contra os que não se deixavam persuadir por seus artifícios o poder dos magistrados e dos ministros do imperador, que na maior parte estavam infectados do arianismo como ele. Pouco se lhe dava a Santo Hilário do crédito de Saturnino; e, vendo que não poupava meio algum para intimidar os católicos, separou-se de sua comunhão e da de todos os seus partidários, com os outros prelados católicos das Gálias. Quis Saturnino desforrar-se disso que reputava desaire de sua dignidade e de seu caráter. Ligou-se com alguns bispos hereges e, protegido pela autoridade do imperador, convocou um concílio em Béziers, no qual se crê que ele mesmo presidiu, e chamou a

ele Santo Hilário com muitos outros prelados católicos da província.

Concorreu ao concílio nosso santo e, animado daquele generoso e ardente zelo que faz sempre o caráter dos verdadeiros prelados, declarou-se intrepidamente delator dos bispos arianos, denunciando-os diante dos católicos. Obrigou-se a provar sua impiedade, a convencer seus erros, a produzir testemunhas de suas heresias, a descobrir a malignidade de sua seita. Demonstrou que se corrompia o Evangelho, que se arruinava a fé e que à sombra de uma falsa e enganosa confissão de Jesus Cristo se introduzia na Igreja a mais horrível blasfêmia. Mas a violência que reinava numa junta governada pelos inimigos da fé católica não lhe permitiu liberdade para representar todos esses pontos com a clareza, com a extensão e com o método que requeria a matéria. Quanto mais insistia em que lhe prestassem atenção, mais se empenhavam em negá-la os inimigos da verdade. Temiam ver-se confundidos e tomaram o atalho de não ouvi-lo. Achando-se árbitros do poder naquele conciliábulo, Saturnino e os demais bispos arianos depuseram nosso santo; e, abusando do crédito que tinham junto ao imperador Constâncio, que então se achava em Milão, dispuseram que fosse desterrado à Frígia em companhia de Rodano, bispo de Toulouse.

Recebeu Hilário a sentença ou a ordem do imperador com um gozo muito parecido ao que sentiam os apóstolos e os mártires quando se lhes oferecia ocasião de padecer em defesa da causa de Jesus Cristo. Triunfante e orgulhoso Saturnino, vendo desterrado o açoite dos hereges, julgou que não se atreveriam a tratá-lo como tal os demais bispos católicos das Gálias, intimidados com esse desterro; mas enganou-o sua vaidade. Não houve nem um só daqueles generosos prelados que quisesse admiti-lo em sua comunhão, permanecendo constantes na fé e na comunhão de Santo Hilário. Partiu este sem demora para o desterro, e ali lhe tinha a Providência preparados novos triunfos.

Animado com a confiança da causa que defendia, escreveu ao imperador uma carta muito respeitosa e muito atenta, justificando-se plenamente das negras calúnias que seus inimigos lhe imputavam. Escreveu também outra, mas muito mais enérgica, aos bispos das Gálias, com os quais conservou sempre uma correspondência tão seguida e tão estreita como se estivesse no meio deles. Suas cartas desarmaram o artifício dos arianos e foram de grande socorro aos bispos que não tinham tanto zelo nem eram tão generosos como Hilário.

Mal chegou ao lugar de seu desterro, sentiu-se penetrado de vivíssima dor ao ver o lastimoso estado em que se achavam as igrejas de toda a Ásia. As da Frígia, onde se achava desterrado, e as das províncias vizinhas, tinham apenas mais que o nome de igrejas de Jesus Cristo. Só haviam ficado nelas uns débeis sinais, umas imperceptíveis relíquias da religião católica. Não se ouviam mais que escândalos, cismas, perfídias, novos erros que brotavam e se multiplicavam a cada dia. Protegido o arianismo com todo o poder do imperador, de tal maneira havia desolado a vinha do Senhor que nosso santo assegura não ter encontrado mais que três bispos que não fossem total e descobertamente arianos; os demais viviam tão lastimosamente desencaminhados que Deus era apenas conhecido pelos prelados das dez províncias da Ásia, como ele mesmo se explica e se lamenta.

Neste teatro, pois, foi onde mais brilho e mais gloriosos frutos produziu a sabedoria, o zelo e a prudência de Hilário. Animado sempre com o espírito de Jesus Cristo, combateu os inimigos da fé

com um ardor tão vigoroso e ao mesmo tempo tão prudente que não puderam apanhá-lo em falta. Conhecendo o gênio falaz e artificioso dos hereges em suas diversas confissões de fé, a cada qual mais capciosa, tornou a tomar a pena em defesa da causa do Filho de Deus; e, expondo aos olhos de todo o mundo o veneno do erro, ilustrou com tanta clareza todos os pontos controvertidos, tornou tão patente a verdade da fé católica, e o fez de maneira tão plausível, que devera expirar o monstro da heresia se o gênio dessa hidra fosse redutível. Compôs pelo mesmo tempo várias outras excelentes obras, e entre elas o admirável tratado *Dos sínodos*; e trabalhou tão gloriosamente a serviço da Igreja que poderia parecer não ter sido enviado a um país tão remoto senão para restabelecer o reino de Jesus Cristo e ressuscitar a religião verdadeira.

Celebravam-se então dois famosos concílios no império com a autoridade do imperador, nos quais a multidão e a variedade das confissões de fé que apresentaram os arianos destruíam a augusta simplicidade e unidade da religião cristã, como notou judiciosamente um gentio. Estava convocado o primeiro concílio em Rimini, cidade da Itália, para os bispos do Ocidente; o segundo em Selêucia da Isáuria, para os do Oriente; ambos inimigos da verdade católica. Como a ordem do imperador para que concorressem os prelados era geral, o governador obrigou Santo Hilário a que assistisse ao do Oriente e até o proveu de carruagem para a jornada. Nela lhe saiu ao encontro uma donzela pagã chamada Florência, que havia dias tinha ardentes desejos de conhecer o servo de Deus pelas grandes coisas que dele publicava a fama, e lhe pediu a bênção. Recebeu-a o santo com agrado; instruiu-a e batizou-a juntamente com seu pai e sua família.

Logo que chegou a Selêucia, foi recebido por aqueles prelados com testemunhos de veneração. Justificou plenamente os bispos das Gálias, a quem os arianos, sempre fecundos em calúnias, haviam desacreditado como suspeitos de sabelianismo. Declamou depois contra os inimigos da divindade de Jesus Cristo, acriminou sua impiedade, confundiu os partidários do erro e por fim fez triunfar a verdade. A heresia, assustada à vista daquele herói da verdade, procurou alucinar a assembleia, a qual seguiu numa horrível confusão; acesos uns contra outros, os arianos e os semiarianos maltrataram-se reciprocamente com tanto furor que por fim se rompeu o concílio e, apelando ao imperador, correram a Constantinopla. Santo Hilário os seguiu. Os deputados do conciliábulo de Rimini, que haviam chegado à corte poucos dias antes, tinham-se juntado ao partido dos anomeus. Vendo nosso santo que a parcialidade dos hereges ia prevalecer, apresentou-se ao imperador com generosidade e com respeito; e, depois de expor-lhe em poucas palavras os motivos que o haviam impelido a tomar a liberdade de apresentar-lhe também seu memorial, pediu-lhe uma conferência pública, na qual, em presença de Sua Majestade, lhe fosse permitido disputar com os arianos. Mostrou-se Constâncio muito inclinado a concedê-la; mas os hereges, conhecendo os superiores talentos de nosso santo e não se atrevendo a medir suas armas com as de Hilário em presença de testemunhas e de árbitros, imaginaram um expediente singular para sair daquele pântano. Persuadiram o imperador a que o enviasse de volta à sua igreja, pintando-o como homem inquieto e sedicioso que com sua presença perturbava todo o Oriente.

Essa nova espécie de desterro era tão grata como gloriosa a nosso santo, vendo-se desterrado para sua mesma amada igreja por aqueles mesmos que tão iniquamente o haviam lançado dela; mas, como no coração de Hilário não prevalecia outro afeto que o dos interesses de Jesus Cristo, compreendendo com a maior penetração os artifícios de seus inimigos, soltou as rédeas a seu zelo,

vendo a malignidade com que era oprimida a religião. Declarou-se, pois, abertamente e com uma grandeza de alma verdadeiramente extraordinária contra um príncipe que, com o especioso nome de cristão, lançava por terra o fundamento do cristianismo, impugnando a divindade de Jesus Cristo. O desejo do martírio e a dor de ver as igrejas do Oriente presa infeliz dos hereges inspiraram-lhe essa liberdade; mas por fim foi preciso obedecer, e o generoso defensor da fé tomou o caminho de Poitiers, sendo recebido em toda parte como glorioso confessor de Jesus Cristo, que voltava carregado de louros, triunfante da heresia. Saiu-lhe ao encontro São Martinho, aquele que foi depois tão famoso em toda a França e que então estava fazendo vida solitária e penitente numa ilha da costa da Ligúria. Sabendo que Hilário passava por aquelas cercanias, deixou a solidão e quis acompanhá-lo até Roma; dali o seguiu a Poitiers, onde se fez seu discípulo.

Já se pode imaginar com que alegria, com que triunfo, com que veneração seria recebido por suas ovelhas aquele glorioso confessor de Jesus Cristo. Também Deus quis honrar a feliz volta de nosso santo com alguns milagres, que deram maior nome à reputação de sua eminente santidade. Vendo-se, pois, restabelecido em sua sé, não se contentou em fazer que refloresse em sua diocese a disciplina eclesiástica, a piedade e a pureza dos costumes, visitando-a toda pessoalmente. Estendeu-se seu zelo às províncias vizinhas, infectadas do arianismo, e perseguiu a heresia até suas próprias trincheiras. Voltado depois à sua igreja, governou-a em paz o resto de sua vida, que foi apenas de cinco ou seis anos depois de ter voltado do desterro. Alcançou o consolo de ver morrer com odor de santidade a única filha que tivera em seu matrimônio antes de ser bispo, e a igreja de Poitiers celebra a festa dessa santa virgem no dia 13 de dezembro. Por fim, depois de ter seguido com tanta glória sua penosa carreira, acabou com uma morte ainda mais preciosa aos olhos do Senhor, no dia 13 de janeiro do ano 368, aos catorze anos de seu episcopado e sessenta e sete de sua idade.

Deixou-nos Santo Hilário muitas obras excelentes, que são muito estimadas e aplaudidas por todos os santos Padres: doze livros *Da Trindade*, que começou no ano de 356 e acabou em seu desterro; o tratado *Dos sínodos*, que compôs também no mesmo desterro, no ano de 359; três escritos ao imperador Constâncio contra os arianos. Quando voltou da Ásia compôs um tratado contra Ursácio e Valente, bispos arianos, do qual só nos restaram alguns fragmentos; outro contra Auxêncio, também ariano, bispo de Milão. Temos seus *Comentários sobre São Mateus* e uma parte dos que escreveu sobre os salmos. É também autor de alguns hinos, e não falta quem lhe atribua o *Gloria in excelsis* e o hino que começa: *Pange lingua gloriosi prælium certaminis.*

Desde o ano imediato à sua morte começou-se a celebrar sua festa na igreja galicana, e foi trasladada ao dia 14 de janeiro, por concorrer no dia 13 a oitava da Epifania. Conservaram-se sempre suas relíquias em Poitiers, onde eram reverenciadas pelos fiéis até o ano de 1562, em que foram queimadas pela impiedade dos huguenotes.

São Gumersindo, Confessor e Mártir

No princípio do século IX, tempo em que sofriam os cristãos da Espanha uma sangrenta perseguição dos bárbaros africanos, nasceu na cidade de Toledo São Gumersindo, de pais naturais dessa capital. Transladados com o menino à de Córdoba, embora se ignore a causa, criaram-no conforme ao espírito da religião cristã, esmerando-se em sua educação com o objetivo de que ascendesse à dignidade do sacerdócio, obrigados pelo voto que fizeram ao tempo de seu nascimento de oferecê-lo ao Senhor, que se dignou conceder-lhes esse fruto de suas doces bênçãos. Para facilitar o intento, dedicaram-no ao serviço da igreja dos santos mártires Fausto, Januário e Marcial, situada em Córdoba, a fim de que aprendesse de religiosos mestres as ciências divinas e humanas e demais exercícios conducentes ao desígnio de seus desejos; para o que contribuíram não pouco os exemplos e contínuos conselhos de seus mesmos pais, interessados em mostrar-lhe as nobilíssimas prerrogativas da virgindade e a fealdade e abominação da torpeza. Não custou dificuldade imprimir tão recomendáveis ideias na alma de Gumersindo, naturalmente inclinado à virtude e propenso ao estado de maior perfeição. Sob cujo suposto, adiantando-se conforme ia crescendo em idade na instrução das letras, e mais na dos santos, mal chegou ao tempo prefixado pelos sagrados cânones, ascendeu por seus graus à ordem sacerdotal, desempenhando o ministério com tanta justificação que, considerando-o digno o bispo de Córdoba para o governo das almas, confiou a seu cuidado uma das paróquias da campina daquela cidade, na qual se portou como poderia fazê-lo o pastor mais zeloso e exemplar, provendo suas ovelhas de abundantes pastos espirituais, sem omitir o socorro de todas as suas necessidades corporais, segundo suas faculdades.

Sentia no íntimo de seu coração a miserável situação da Espanha; não lhe causava menos dor ver que os bárbaros seguidores da seita de Maomé tiranizassem com tão dura escravidão os filhos de Deus redimidos com o precioso sangue de Jesus Cristo; e com essas piedosas reflexões acendeu-se em vivos desejos de padecer martírio. Pareceu-lhe impróprio de seu ministério omitir uma confissão pública de sua fé cristã diante dos juízes árabes e digno da nota de uma covardia vergonhosa se não condenasse a necedade de tão ímpia seita; e, animado com semelhantes impulsos da divina graça, foi à cidade comunicar sua resolução a um monge íntimo amigo, chamado Servo de Deus, criado em sua companhia na igreja dos ditos mártires. Alentados mutuamente para tão louvável empresa, sem esperar ser chamados, apresentaram-se voluntariamente ao juiz agareno e em sua presença começaram a pregar contra a falsidade de sua seita, reprovando com o maior brio e zelo os delírios de suas necias superstições.

Não cabe em ponderação a ira que o bárbaro concebeu à vista de semelhante arrojo, graduado como o delito mais enorme; e, sem esperar as formalidades dos processos judiciais, mandou a seus ministros que os degolassem no mesmo momento. Receberam os santos a sentença com uma alegria inexplicável, dando ao Senhor repetidíssimas graças porque os fazia dignos de padecer em defesa de sua fé. Essa sua confissão serviu para animar muitos outros cristãos que, seguindo seu exemplo, testemunharam com seu sangue a verdade da religião católica. No dia 13 de janeiro do ano 851 executou-se a sentença, alcançando por esse meio Gumersindo a desejada coroa do martírio. Seu corpo, obtido pelos fiéis, foi sepultado no mosteiro de São Cristóvão, lugar onde hoje existe uma pequena ermida sob a invocação de São Julião. Ter sido célebre sua memória mesmo no tempo dos árabes comprova-o a invocação de seu patrocínio pelo rei D. Afonso VI na conquista de Toledo, com a de outros santos tutelares naturais daquela capital, solo de seu nascimento.

Martirológio Romano

A Oitava da Epifania de Nosso Senhor.

Em Roma, sobre a via Labicana, quarenta soldados que mereceram ser coroados por terem confessado a verdadeira fé, no tempo do imperador Galieno.

Na Sardenha, São Políto, mártir, que, depois de ter sofrido muito sob o imperador Antonino e o presidente Gelásio, obteve a glória do martírio, morrendo à espada.

Em Singidunum (agora Belgrado), na Mésia superior, os santos Hérmilo e Estratônico, mártires, que, depois de terem sofrido cruéis tormentos sob o imperador Licínio, foram submergidos no Danúbio.

Em Córdoba, os santos mártires Gumersindo, presbítero, e Servo de Deus, monge.

Em Poitiers, a morte de Santo Hilário, bispo e confessor, que esteve desterrado durante quatro anos na Frígia pela fé católica, que defendeu com valentia e, entre outros milagres, ressuscitou um morto. Não se celebra sua festa até o dia seguinte.

Em Cesareia da Capadócia, São Leôncio, bispo, que sustentou diversos combates contra os gentios sob Licínio e contra os arianos sob Constantino, o Grande.

Em Trèves, Santo Agrício, bispo.

No mosteiro de Vergy, São Vivêncio, confessor.

Em Amásia, na província do Ponto, Santa Glafira, virgem.

Em Milão, no mosteiro de Santa Marta, a beata Verônica de Binasco, virgem da ordem de Santo Agostinho.

Missa (oração)

A missa é da Oitava da Epifania, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, cujus Unigenitus in substantia nostræ carnis apparuit: præsta, quæsumus; ut per eum, quem similem nobis foris agnovimus, intus reformari mereamur. Qui tecum vivit et regnat...*

Português: Ó Deus, cujo Unigênito se deixou ver na terra revestido da substância de nossa carne mortal, concedei-nos que mereçamos reformar-nos em nosso interior por aquele que vimos exteriormente semelhante a nós, o qual vive e reina convosco...

Epístola

A epístola é do capítulo 60 do profeta Isaías, a mesma do dia 6.

Isaías 60,1-6

> **Latim:** [1] Surge, illuminare, Jerusalem, quia venit lumen tuum, et gloria Domini super te orta est. [2] Quia ecce tenebræ operient terram, et caligo populos ; super te autem orietur Dominus, et gloria ejus in te videbitur. [3] Et ambulabunt gentes in lumine tuo, et reges in splendore ortus tui. [4] Leva in circuitu oculos tuos, et vide : omnes isti congregati sunt, venerunt tibi ; filii tui de longe venient et filiæ tuæ de latere surgent. [5] Tunc videbis, et afflues ; mirabitur et dilatabitur cor tuum : quando conversa fuerit ad te multitudo maris ; fortitudo gentium venerit tibi. [6] Inundatio camelorum operiet te, dromedarii Madian et Epha ; omnes de Saba venient, aurum et thus deferentes, et laudem Domino annuntiantes.

Português: [1] LEVANTA-TE, esclarece-te, Jerusalém: porque chegou a tua luz, e a glória do Senhor naseeo sobre ti. [2] Por quanto eis-ahi cobrirão as trévas a terra, e a escuridade os povos: mas sobre ti nascera o Senhor, e a sua gloria se verá em ti. [3] E andarão as gentes na tua luz, e os reis no esplendor do teu nascimento. [4] Levanta em roda os teus olhos, e vê: todos estes se tem congregado, elles vierão a ti: teus filhos virão de longe, e tuas filhas se levantarão de todos os lados. [5] Então verás tu, e estarás em asfluencia, e o teu coração se espantará, e se dilatará fora de si mesmo, quando se converter a ti a multidão do mar, vier a ti a fortaleza das nações: [6] huma inundação de récuas de camelos te cobrirá, de dromedarios de Madian e d'Efa: todos virão de Sabá, trazendo-te ouro e incenso, e anunciando louvor ao Senhor.

Nota

« Na epístola, que é de Isaías, fala este profeta com tanta clareza do mistério da Adoração e, no restante de sua profecia, trata tão individualmente dos demais mistérios da vida e morte de Jesus Cristo que mais parece história do passado que profecia do futuro. Assinala-se a morte de Isaías no ano 681 antes de Cristo; e por essa conta é preciso dar-lhe 130 anos de idade. »

Reflexões

Não somente na lei nova, mas também na lei antiga, o dia oitavo de uma festa era tão solene como a própria festa. Segundo o estilo, e até o idioma, da Igreja, pode-se dizer que a oitava é uma espécie de festa contínua por espaço de oito dias; e com a mesma razão se pode acrescentar que a solenidade das oitavas é de direito e de instituição divina.

Ordenando Deus a Moisés a celebração das principais festas, disse-lhe: « Estas são as festas do Senhor, que serão santas; e deveis celebrá-las cada uma em seu tempo. No dia catorze do primeiro mês, ao entardecer, é a Páscoa do Senhor. Celebrareis o primeiro dia como o mais solene e o mais santo: neste dia não trabalhareis em nenhuma obra servil; mas oferecereis por espaço de sete dias um holocausto ao Senhor; o dia sétimo será mais solene e mais santo que os outros, e neste dia tampouco vos ocupareis em nenhuma obra servil. » Era o mesmo que dizer que no dia da oitava não seria lícito trabalhar, nem mais nem menos que no dia da festa. Também mandou Deus a seu povo que no mês de setembro celebrasse com oitava a festa dos Tabernáculos, que os gregos chamam *Cenopégia*, porque nela se armavam umas tendas de campanha cobertas de ramos de árvores. « Celebrar-se-á a festa dos Tabernáculos, disse Deus a Moisés, por espaço de sete dias; o primeiro e o oitavo serão muito célebres e muito santos, e não fareis obra servil nestes dias. » No capítulo oitavo do segundo livro dos Paralipômenos lê-se que Salomão celebrou a dedicação do templo por sete dias contínuos e que o oitavo foi um dia celebérrimo.

Assegura Santo Agostinho que o número oito é muito misterioso na Sagrada Escritura e que compreende em si uma ideia de perfeição. Pois, assim como Deus mandou na lei antiga que as festas mais solenes se celebrassem por espaço de sete dias, sem contar o principal da festa, e que o oitavo fosse como dia de descanso e de repouso, assim também a Igreja, governada pelo mesmo espírito e seguindo a mesma ideia, dispõe que sejam celebradas com oitavas as principais festividades.

Uma das oitavas mais antigas na Igreja é a da Epifania. No tempo de Carlos Magno o dia da oitava era festa de preceito, como consta da recopilação dos Capitulares feita pelo abade Ansegiso no reinado de Luís Pio. O imperador Teodósio, o Jovem, teve tanta devoção ao dia da oitava dos Reis que estendeu até ele, inclusive, as férias dos tribunais, como se observa ainda hoje em muitas províncias da cristandade. Consta que no século XIII a oitava da Epifania era das festas de terceira classe; isto é, daquelas em que havia obrigação de ouvir missa e depois da qual se podia trabalhar.

A epístola deste dia é a mesma que a da Epifania e tira-se do capítulo 60 de Isaías, no qual o profeta exorta Jerusalém a levantar-se bem cedo para ver a luz do novo dia que amanhece para ela; isto é, como expõem Santo Agostinho e São Cirilo, a que saia das trevas da ignorância e do erro e abra os olhos à luz da fé que Jesus Cristo, sol de justiça, lhe concede, sendo figurada pela estrela que serviu de guia aos Magos.

Muitos intérpretes são do parecer de que esta profecia se dirige não à Jerusalém antiga, mas à nova, que é a santa Igreja católica, a qual havia de compor-se de gentios convertidos à fé, cujas primícias foram os Magos.

Levanta-te, pois, ó nova Jerusalém; brilha neste dia com um novo resplendor, vestida dos raios do sol que acaba de nascer e vai estendendo as luzes da fé por todo o Universo, derramando ao mesmo tempo as benignas influências de sua graça e os tesouros de suas misericórdias por toda a redondeza da terra.

As trevas do erro e aquela densa e escura noite do paganismo serão dissipadas pelo mesmo Senhor, que, à maneira desse brilhante planeta, amanhecerá sobre ti e te investirá de luz com o resplendor de sua glória e de sua misericórdia. À luz dessa divina tocha marcharão as nações pelo caminho da salvação, abraçando a fé; e apenas se descobrir este celestial astro, verás os reis concorrer apressados a render-lhe vassalagem.

Estende a vista pelos dilatados espaços que puderes, prossegue o profeta, e acharás que não há parte, não há país, não há canto do mundo aonde não alcancem os raios luminosos desta luz.

Embora os gregos e os romanos sejam tão inimigos da fé, embora esteja tão desviada da verdadeira religião tanta multidão de povos bárbaros, todos se rendem à lei de Jesus Cristo. Não há região que não seja fecunda em heróis do cristianismo.

Nestes afortunados lugares, tão inimigos até aqui do Salvador, encontrarás dignos filhos seus. Os desertos mais horríveis se povoarão de santíssimos solitários; e quantas donzelas ternas, quantas puríssimas virgens alimentarás em teu seio! Verás com teus mesmos olhos estas maravilhas, e então saltarás de gozo e de alegria.

Encher-se-á de pasmo o teu coração quando vires concorrer a ti em bandos todos esses povos que habitam as dilatadas costas do mar e as ilhas mais remotas; quando vires essas nações orgulhosas, esses povos dominantes, que rendem sua cerviz ao jugo do Evangelho.

Ver-te-ás como inundada da multidão de camelos e de dromedários que virão de Madiã e de Efa; isto é, da Arábia Feliz, a qual deram seu nome Madiã, filho de Abraão e de Cetura, e Efa, filho de Madiã, chamando-se também Sabá.

É muito verossímil que somente se faz menção desses animais de carga para significar em figura os tesouros espirituais com que havia de ser enriquecida a santa Igreja. Por isso acrescenta o profeta que todos virão de Sabá, província da Arábia Feliz, oferecer incenso e ouro, gêneros e riquezas de que abunda aquela região. Isso se cumpriu ao pé da letra pelos Magos e, em sentido alegórico, se cumpre cada dia pelos verdadeiros e fervorosos cristãos.

Em todos os tempos foi solenníssimo este dia na Igreja católica. Antigamente parece que o objeto principal da festa que nele se celebra era o batismo de Cristo. Hoje não se faz menção desse mistério senão no Evangelho. Os gregos chamavam este dia a oitava das manifestações do Salvador.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 1 de São João. *(O original diz "capítulo 2"; o latim confere com João 1,29-34.)*

João 1,29-34

> **Latim:** 29 Altera die vidit Joannes Jesum venientem ad se, et ait : Ecce agnus Dei, ecce qui tollit peccatum mundi. 30 Hic est de quo dixi : Post me venit vir qui ante me factus est : quia prior me erat : 31 et ego nesciebam eum, sed ut manifestetur in Israël, propterea veni ego in aqua baptizans. 32 Et testimonium perhibuit Joannes, dicens : Quia vidi Spiritum descendentem quasi columbam de cælo, et mansit super eum. 33 Et ego nesciebam eum : sed qui misit me baptizare in aqua, ille mihi dixit : Super quem videris Spiritum descendentem, et manentem super eum, hic est qui baptizat in Spiritu Sancto. 34 Et ego vidi : et testimonium perhibui quia hic est Filius Dei.

Português: 29 No dia seguinte vio João a Jesus, que vinha para elle, e disse : Eis-aqui o Cordeiro de Deos, eis-aqui o que tira o peccado do mundo. 30 Este he o mesmo, de quem eu disse : Depois de mim vem hum homem, que me foi preferido : porque era antes de mim : 31 e eu não no conhecia, mas por isso eu vim baptizar em agua, para elle ser conhecido em Israel. 32 E João deo testemunho, dizendo : Vi o Espírito que descia do ceo em forma de pomba, e repousou sobr'elle. 33 E eu não no conhecia : mas o que me mandou baptizar em agua, me disse : Aquelle, sobre que tu virens descer o Espírito, e repousar sobr'elle, esse he o que baptiza no Espírito Santo. 34 E eu o vi : e dei testemunho de que elle he o Filho de Deos.

Meditação

Primeiro ponto

Considera com quantas demonstrações sensíveis se manifestou a divindade de Jesus Cristo. Olha atentamente a série de maravilhas que se operaram em seu favor e em seu nome.

Antes de nascer enviou profetas que anunciassem sua vinda. Esses profetas deram individuais notícias de seu Precursor, da tribo de que havia de descender, do lugar de seu nascimento, do mérito e da qualidade de sua mãe, das circunstâncias de sua vida e das ignomínias de sua morte. Chegado o termo das profecias, tudo se cumpriu como havia sido vaticinado. Nem se pode recorrer a que essas profecias foram forjadas ou fingidas depois, porque seus maiores inimigos eram os depositários delas muitos séculos antes de seu nascimento. Nasce Cristo na obscuridade de um estábulo; e os anjos anunciam seu nascimento aos pastores. Os reis estrangeiros, alumiados exteriormente por um astro e interiormente iluminados por uma inspiração secreta, acodem a adorá-lo. Não podia ter parte nessa adoração nenhuma razão humana. Vem Jesus Cristo misturar-

se entre os pecadores à margem do Jordão; e o Batista, aquele homem tão extraordinário e tão santo, assegura que Deus lhe havia revelado que aquele era o Messias verdadeiro. Nem Cristo havia feito até então milagres, nem João havia visto jamais a Cristo. Que autoridade não tem um testemunho tão grande!

Passemos à multidão dos milagres. Nenhum há que não leve consigo o caráter da onipotência de Deus. Manda às tempestades e aos mares, a toda a natureza e à própria morte. Com que pontualidade é obedecido! Não há coisa mais estampada que sua divindade em todos os seus milagres. Sua vida é tão santa que ele mesmo desafia seus inimigos a que o convençam de um só pecado. Pois este homem tão santo diz de si mesmo que é Deus e se faz em tudo igual e consubstancial a Deus; pode haver testemunho mais concludente?

Prognostica até as circunstâncias mais miúdas de sua morte e faz visíveis nos profetas todas as minúcias e todo o mistério dela. Assegura que ressuscitará ao terceiro dia, dando por prova de sua divindade a própria ressurreição. Que não fizeram seus inimigos para desacreditá-lo e para que fosse tido por impostor! Mas, apesar de todas as suas maliciosas precauções, ressuscita Cristo. Considera bem se pode haver prova mais convincente de sua divindade.

Escolhe para pregar sua doutrina os homens mais vis, mais grosseiros, mais ignorantes do mundo; e aqueles homens simples, aqueles ignorantes fazem em seu nome maiores milagres que ele. Não há coisa mais superior ao entendimento humano que sua religião; não há coisa mais contrária aos sentidos que sua moral. E com esse sistema doze pobres pescadores convertem à fé todo o universo e fazem que Jesus Cristo crucificado seja adorado por toda a terra. Esse só prodígio é maior que todos os demais. Dize ao discurso, ao entendimento humano, que te dê uma prova, um caráter mais visível, mais demonstrativo de sua divindade.

Para sempre sejais bendito, adorado e amado por todas as criaturas, ó Deus de minha alma, que assim vos dignastes manifestar-vos a nós de maneira tão sensível. Mas que dor é a minha, meu Deus e meu Senhor, de vos ter conhecido e amado tão pouco até este dia!

Segundo ponto

Considera que, quanto mais visível é a divindade de Jesus Cristo, tanto mais culpados somos nós em nossa falta de submissão, de reconhecimento e de respeito.

Certamente é uma insigne loucura não crer o que a fé nos ensina; mas não é menos impiedade crer o que nos ensina a fé e viver contra o mesmo que cremos.

Já não nos fala Deus entre relâmpagos, trovões e centelhas; tampouco nos fala já pela voz dos profetas. Nestes novíssimos tempos, diz o Apóstolo, fala-nos pela boca de seu mesmo Filho Jesus Cristo. Mas cremos bem que é o próprio Filho de Deus quem nos fala? Nossa obediência a seus preceitos, nossos costumes, nossa conduta hão de responder por nossa fé.

É o Evangelho palavra pura de Deus; não há mandamento que não seja um decreto, não há máxima que não seja um oráculo. Essa palavra de Deus, esse Evangelho deve ser a única regra de nossa conduta. Conformam-se com essa norma os nossos costumes?

Se Baal é vosso deus, diz o profeta, que fazeis? Em que vos detendes? Adorai-o, segui-o, observai escrupulosamente suas máximas. Mas, se não reconheceis outro soberano dono senão Jesus Cristo, verdadeiramente, que delito maior que servi-lo com tanto desgosto, ofendê-lo com tanta facilidade, pôr-se em sua presença com tão pouco respeito e obedecer-lhe com tanta repugnância?

Oh, que repreensões tão sangrentas me estão dando agora minha razão e minha fé! Eu vos reconhecia por meu Deus e por meu Senhor, ó doce Jesus meu! Pois como pude ser tão cego, tão ingrato, tão indócil? Neste momento cessa a minha indocilidade, ó meu divino Salvador! Não sereis somente o Deus de meu espírito por uma fé especulativa e estéril; de hoje em diante convencerão minhas ações que sois verdadeiramente o Deus de meu coração.

Jaculatórias

> *Deus cordis mei, et pars mea Deus in æternum.* Sl 72.

Vós sois o Deus de meu coração, e eternamente sereis o meu tesouro e a minha rica herança.

> *Nos credidimus, et cognovimus, quia tu es Christus, Filius Dei vivi.* Jo 6.

Cremos e reconhecemos que vós sois Cristo, Filho do Deus vivo.

Propósitos

1. Impõe-te desde este dia uma lei inviolável de não entrar na igreja e de não te pôr em presença de Jesus Cristo senão com um profundo respeito e com uma singular modéstia. Para isso forma uma resolução eficaz de nunca olhar na igreja para pessoa alguma por pura curiosidade ou leviandade, e muito menos de falar nela, não sendo coisa muito necessária; e de estar sempre numa postura tão respeitosa que visivelmente dê a conhecer tua religião e tua fé.

2. É muito louvável e muito proveitoso o costume de ler todos os dias algum capítulo do Novo Testamento; mas é preciso lê-lo como palavra de Jesus Cristo, isto é, com veneração, com espírito cristão e com as disposições necessárias para que essa divina palavra não seja estéril. Muitos grandes santos liam sempre de joelhos a Sagrada Escritura; e na verdade nunca pode sobrar o respeito para ler a palavra de Deus. É grande impiedade servir-se dela irreligiosamente nas

conversações e aplicá-la a matérias profanas ou em sentido irrisório. Lê-a sempre com espírito humilde, com intenção pura e com motivo cristão, e nunca a lerás sem proveito. Lembra-te de que é aquele mesmo grão que, se cai em boa terra, dá cem por um; se cai junto ao caminho, pisam-no os passantes e comem-no as aves; se cai em terreno pedregoso, seca-se e esteriliza-se; se cai entre espinhos, sufoca-se. O mesmo Jesus Cristo foi quem explicou dessa maneira essa parábola, para ensinar-nos que sua divina palavra por si mesma sempre tem muita virtude e que o fruto desse grão celestial depende da disposição com que se recebe.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:43:46 by Admin
Updated 20 November 2026 20:43:46 by Admin